A SEMIOLOGIA DO DISCURSO DE ÓDIO POLÍTICO E PROJETOS POLÍTICO-ECONÔMICOS

FÁbio Paulino de Oliveira [1], Francisco Vitor Macêdo Pereira [2]

RESUMO

Essa pesquisa parte da análise dos pronunciamentos parlamentares proferidos em uma das sessões que compôs o processo de impeachment no Brasil no ano de 2016 para investigar a relação entre a manipulação do ódio social de classes e a disputa de agendas político-econômicas por meio da análise da construção semiótica do discurso de ódio político. Este trabalho inicia por um apanhado de conexões teóricas entre a produção do discurso de ódio político pelos representantes da população no parlamento nacional e a ameaça de perda, por parcela da classe média, de determinados privilégios, em especial, de um dos principais fatores de favorecimento ao acesso e manutenção de cargos da alta hierarquia da estrutura de poder do Estado: o capital cultural. Por fim, analisa-se, nesses discursos, nova relação entre o uso seletivo e direcionado da moral religiosa cristã e o processo psicanalítico-cognitivo da racionalização, um dos mecanismos de defesa do ego.

Palavras-chave:

Discurso de Ódio. Sociologia Política. Luta de Classes.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Diretoria de Registro e Controle Acadêmico – DRCA, TAE, e-mail: fabio@unilab.edu.br

[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Instituto de Humanidades – IH, Docente, e-mail: vitor@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Vive-se no Brasil um momento de grande instabilidade social, expressa, mais especificamente, por uma crise de ódio às diferenças que relativiza, ou até nega, valores éticos, humanitários e, por isso, acaba por aumentar a vulnerabilidade de determinados grupos historicamente desfavorecidos, assim como, justificar toda uma ordem de agressões políticas e em últimas instâncias, físicas.

Essa escalada sazonal de violência guarda relação com processos eleitorais nos quais há alguma ameaça à imposição ou manutenção de agendas políticas conservadoras e que, por sua vez, expressam, implícita ou explicitamente, muitas vezes, relação com interesses hegemônicos do capital financeiro internacional. Esse avanço dos discursos de ódio encontra fertilidade no processo eleitoral para presidência do Brasil, no ano de 2014, com correspondência na eleição presidencial norte americana . Todavia a intolerância nos discursos tem seu ápice no processo de Impeachment da então presidenta do país Dilma Rousseff. Nesse período de intensificação, acentua-se um ambiente de hostilidade das relações humanas nas principais redes sociais, como se pode constatar na pesquisa realizada pelo Projeto Comunica que Muda (CQM) que monitorou dez tipos de intolerância nas redes sociais com um total de 542.781, contabilizando, estas, um percentual de menção negativa de 97,6%.

Segundo Rosenfeld (2001) , há duas modalidades principais do discurso de ódio: hate speech in form e hate speech in substance. Enquanto aquele corresponde às manifestações explicitamente odiosas, este representa a modalidade velada do discurso de ódio. O hate speech in substance, ainda segundo o autor, pode se apresentar com argumentos de proteção moral ou social.

A pesquisa buscou relacionar como a construção semiótica do discurso de ódio político participa enquanto mediadora concreta entre o ódio social de classes no Brasil e a disputa de determinadas agendas político-econômicas, tentando evidenciar essa relação por meio da análise dos discursos parlamentares da sessão da Câmara dos Deputados que deliberou pela admissibilidade do processo de impeachment da presidenta do país no ano de 2016.

METODOLOGIA

A metodologia combina a revisão bibliográfica dos pressupostos teóricos com a análise semiótica de trechos e estatísticas dos discursos registrados nas notas taquigráficas da Câmara dos Deputados referentes à Sessão Deliberativa Extraordinária 091.2.55.O desta casa do dia 17 de abril de 2016 na qual foi autorizada a instauração de processo contra a sra. presidenta da república, por crime de responsabilidade.

Para melhor entendimento do discurso de ódio, torna-se pertinente algumas considerações sobre a acepção de discurso e semiose. A perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso (ACD) considera a semiose, que inclui todas as formas de construção de sentidos – imagens, linguagem corporal e a própria língua (FAIRCLOUGH, 2005), parte irredutível dos processos sociais materiais.

Entendendo o conceito de discurso enquanto as várias representações da vida social (FAIRCLOUGH, 2005), que altera a realidade social e é alterado por ela, pode-se abordar com maior propriedade o discurso de ódio. De forma genérica, esse tipo de discurso “se caracteriza por incitar a discriminação contra pessoas que partilham de uma característica identitária comum, como a cor da pele, o gênero, a opção sexual, a nacionalidade, a religião, entre outros atributos.” (SILVA; NICHEL; MARTINS; BORCHARDT, 2011 p. 2).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partiu-se da hipótese de que o discurso de ódio político representa uma associação seletiva de valores morais negativos a determinados grupos detentores de agendas políticas específicas, produzidos por uma classe média estatal e midiática para produção de um exército civil repressor necessário á defesa de um projeto político a priori impopular e, também, à conquista de votos por identificação ideológica ao ódio social entre as classes que compõem a sociedade brasileira.

Para tal, se buscou identificar ligações entre esse ódio de classe e dois alicerces principais da formação social

brasileira: a herança de três séculos de sociabilidade escravagista e a ameaça à perda, por parte da classe média, de privilégios que potencializam a obtenção do capital cultural favorecedor do acesso e manutenção de cargos representativos de poder do Estado.

Assim expõe o sociólogo Jessé Souza acerca da fonte e características de algumas de nossas principais heranças da formação social brasileira:

Somos, nós brasileiros, portanto, filhos de um ambiente escravocrata, que cria um tipo de família específico, uma Justiça específica, uma economia específica. Aqui valia tomar a terra dos outros à força para acumular capital, como acontece até hoje, e condenar os mais frágeis ao abandono e à humilhação cotidiana. Isso é herança escravocrata e não portuguesa. O patrimonialismo, percebido como herança portuguesa, substitui a escravidão como núcleo explicativo de nossa formação. Essa é sua função real. Por conta disso, até hoje, reproduzimos padrões de sociabilidade escravagistas, como exclusão social massiva, violência indiscriminada contra os pobres, chacinas contra pobres indefesos que são comemoradas pela população, etc. (SOUZA, 2017. p. 207).

Acerca do temor da perda de capital cultural, assinala o mesmo autor:

Para se compreender porque existem classes positivamente privilegiadas, por um lado, e classes negativamente privilegiadas, por outro, é necessário se perceber, portanto, como os "capitais impessoais" que constituem toda hierarquia social e permitem a reprodução da sociedade moderna, o capital cultural e o capital econômico, são também diferencialmente apropriados. O capital cultural, sob a forma de conhecimento técnico e escolar, é fundamental para a reprodução tanto do mercado quanto do Estado modernos. É essa circunstância que torna as "classes médias", que se constituem histórica e precisamente pela apropriação diferencial do capital cultural, em uma das classes dominantes desse tipo de sociedade. (SOUZA, 2009, 21)

Essa herança social e esse temor da perda de privilégios, que não podem ser verbalizados sob pena de sepultamento de carreiras políticas, são travestidos de discursos edificantes e moralizadores, dotados de sedução e potencial mobilizador, que funcionam como uma manipulação seletiva e direcionada do uso da moral cristã. Esta manipulação, por sua vez, tem como função precípua atribuir a pessoas fortemente angustiadas pela descrença nas virtudes de seus representantes políticos a causa honorífica de salvadores da pátria, de heróis de uma nação.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa tentou explicitar relações, de certo modo, ainda pouco visíveis que envolvem a construção de sentido do discurso de ódio para que, assim, possa-se enfrenta-lo com maior eficácia, atacando seus pressupostos filosóficos, tais como a manipulação moral de preceitos caros à uma sociedade eminentemente cristã; enfrentando as bases sociais e históricas ao analisar nossa longa e violenta sociabilidade escravagista, herança de três séculos de escravidão; tentando desconstruir as bases psicológicas e cognitivas, tais como, o estudo de um dentre os mecanismo de defesa do ego enquanto processo de justificação racional para fatores de ordem emocional e motivacional.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao nosso atencioso orientador, Francisco Vitor Macêdo Pereira, que tem nos guiado com esmero dentre os meandros científicos do conhecimento. Também agradecemos à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) e Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX) da UNILAB, que tem oportunizado a participação de discentes em programas de iniciação científica.

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. 320 p.

FANTINI, João Angelo. Raízes da Intolerância: A segregação imaginária do outro. SIG: Revista de Psicanálise, v. 4, p. 103-111, 2015.

JÚNIOR, Caio Prado. Formação do Brasil Contemporâneo. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1965. 390 p.

KARNAL, Leandro. Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia / Leandro Karnal. – Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

MENDONÇA, Sonia Regina de. Estado, Violência Simbólica e Metaforização da Cidadania. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, RJ, v. 1, p. 94-125, 1996.

REICH, Wilhelm. Psicologia de Massas do Fascismo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1972. 297 p.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, [2008/]. 435 p.

SANTOS, Milton. Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 274 p.

SANTOS, M. A. M.. O Discurso do Ódio em Redes Sociais. 1. ed. São Paulo: Lura Editorial, 2016. v. 1.

SCHAFER, G.; LEIVAS, P. G. C.; SANTOS, R. H. Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. Revista de Informação Legislativa, v. 52, p. 145-158-158, 2015.

SOUZA, Jessé. A tolice da inteligência brasileira - ou como o país se deixa manipular pela elite. 1. ed. Rio de Janeiro: Leya, 2015. v. 1. 272p .

_____. A Ralé Brasileira: quem é e como vive.. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato. 1. ed. Rio de Janeiro: Leya, 2017. v. 1. 239p.

_____. Subsidadania Brasileira: Para Entender o País Além do Jeitinho Brasileiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Leya, 2018. 288p.